

# LÍNGUAS E CULTURAS CRIOULAS GUINEENSES: CAMINHOS DE LEITURA DE ODETE SEMEDO

Éricka Davillar Alves da Silva<sup>1</sup>

Maria Aurinívea Sousa de Assis<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a língua, a cultura e a ancestralidade em dois poemas de Odete Semedo intitulados “Tanta súplica evocou os Irans” e “Quando...”, sendo os dois retirados do livro *No fundo do canto* que interpreta uma fase que acontecia em Guiné-Bissau, a guerra de 1998/1999. Para isso, nos embasaremos nos trabalhos de Moema Augel (1998) que apresenta questões de nação, identidade, ancestralidade e a visão na Guiné-Bissau após a colonização, como isso afetou a literatura. Também nos embasaremos no artigo da própria Odete Semedo (2003) “A língua e os nomes na Guiné Bissau”, para conhecermos melhor sobre ancestralidade do país e das etnias. Nossa metodologia é de cunho bibliográfico, baseado em análise e fichamento das obras referenciadas, a partir da qual se visualiza que, em *No fundo do canto*, a voz lírica apresenta, principalmente, essa transição da Guiné-Bissau para se tornar um país independente. Visualizamos, mediante as análises dos poemas, que a ancestralidade, a língua e as culturas locais são os meios encontrados para enfrentar a violência sofrida nesse período e para crer na sobrevivência e reestruturação futura de Guiné-Bissau.

**Palavras-chave:** Ancestralidade; Literatura Guineense; Odete Semedo.

## ABSTRACT

The present work aims to analyze two poems by Odete Semedo entitled “Such supplication evoked the Irans” and “Quando...”, both of which are taken from the book *At Fundo do canto*, which was written by the same to present a phase that what happened in Guinea-Bissau, the war. For this, we will base ourselves on the work of Moema Augel (1998) who presents issues of nation, identity, ancestry and the vision of Guinea after colonization, how this affected the literature. We will also draw on the article by Odete Semedo (2003) *The language and names in Guinea Bissau*, in order

---

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura Plena em Letras Língua Portuguesa, pela universidade da Integração Internacional da Lusofônia Afro-brasileira, campus da Liberdade.

<sup>2</sup> Doutora em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia. Professora de Literatura na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Campus da Liberdade – CE.

to learn more about the country's ancestry and ethnic groups. Our methodology is bibliographical in nature, based on analysis and listing of the referenced works, where it is seen that At the end of the song, the lyrical self mainly presents this transition from Guinea Bissau to an independent country. We visualized through the analysis of the poems that the violence suffered in this period was terrible for the survivors of the war and for those who left without seeing their land free from the colonizers.

**Keywords:** Ancestry; Literature Guineense; Odete Semedo.

## 1 INTRODUÇÃO

O nosso trabalho analisa aspectos da poesia guineense de Odete Semedo, visto que essa figura feminina se destaca com sua escrita dentro do seu país.

Odete Semedo é escritora guineense, nasceu em 7 de novembro de 1959, licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas (Estudos Portugueses) pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (1989/1990). Ao regressar a Guiné Bissau assumiu a Coordenação Nacional do Projeto de Língua Portuguesa no Ensino Secundário, financiada pela Fundação Gulbenkian. Sendo posteriormente diretora da Escola Normal Superior Tchico-Té, onde ao mesmo tempo ministrava aulas como professora. Em 2003, recebeu um prêmio, na categoria escrito, e é considerada uma forte personalidade que chega a contribuir para o desenvolvimento global do país.

O primeiro livro da autora foi escrito em 1996, *Entre o ser e o amar* (poemas), em Bissau, publicou outras obras também, como *SONÉÁ: histórias e passadas que eu ouvi contar I* (2000), *DJÊNIA: histórias e passadas que eu ouvi contar II* (2000) e a obra *No fundo do canto* (poemas). Sendo a última escrita em português e em crioulo, possui 45 poemas, e 32 são escritas em ambas as línguas, somente oito são escrito unicamente em português e cinco escrito unicamente em crioulo. Os livros de Semedo lançado a partir de 2000 reúnem ao todo dez contos, sendo cinco em cada coletânea, com subtítulo “recriação de narrativas”. O fato de escrever em duas línguas, português e crioulo, é uma forte ênfase na construção da identidade, visto que Guiné-Bissau é um país que perpassam a cultura do país.

Para desenvolvermos o nosso trabalho sobre a obra *No fundo do canto*, de Odete Semedo, foram elencados três poemas: “Tanta súplica evocou os Irans” e “Quando...” para a realização de uma análise voltada para a discussão de aspectos da língua crioula guineense na elaboração de sentidos e de resistências apoiada nas

bases culturais, identitárias, míticas e ancestrais da cultura guineense. O livro *No fundo do canto* possui quatro momentos, “Do Prelúdio”, “A história dos trezentos e trinta e três dias e trinta e três horas”, “Concílio dos Irans” e “Os Embrulhos”, este últimos subdividido em três partes: “O primeiro embrulho”, “O segundo embrulho”, “O terceiro embrulho”. Os dois poemas selecionados aqui para análise compõem o terceiro momento do livro, “Concílio dos Irans”, instante que consideramos crucial para a sequência narrativa presente nos poemas, em que acompanhamos a solução para o país vindo pelas mãos de suas divindades.

Enfatizaremos a escrita de Odete Semedo porque é possível perceber em seus poemas uma evocação da ancestralidade e do passado guineense, em seus poemas percebemos uma forte mensagem da nação, esta que passou por uma época profunda de colonização e guerra civil.

O acesso à escola enquanto colônia era muito difícil e praticamente proibido aos colonizados, dessa maneira com a instituição da primeira escola somente em 1933, a escrita de uma história pelos próprios povos do país ficou dificultada.

Mesmo com tantos percalços há, sim, uma literatura guineense vigorosa, que apresenta suas questões e suas ações mediante a sua ancestralidade e cultura, porém, o que se torna ainda mais difícil, dado os contextos sociais, é a visibilidade da participação da mulher como voz criadora na literatura guineense.

O nosso trabalho gira em torno da análise dos poemas de Semedo, com a presença de outros autores que também estudam a nossa temática e a poesia da mesma.

## **2 CRIOULO E CULTURAS GUINEENSES EM *NO FUNDO DO CANTO***

Discorrer sobre a minoria é tratar de questões sociais. São temas que colocam em exposição aqueles que vivem em submissão e inferiorização em relação a outros que vivem no mesmo país, mas em situação completamente diferente, visto que isso não deveria acontecer devido o princípio da igualdade.

Porém são temas e discussões como essas que quebram os tabus da sociedade racista e até mesmo as colonialistas, digo isto porque foram a partir de debates como esses que começaram os maiores movimentos do país e no mundo

todo, não é diferente da escrita literária, pois ela instiga, dá força, e inicia grandes revoluções.

Muitos escritores em suas obras fazem uma representação do que viveram ou viram acontecer em seus países, principalmente quando se trata da literatura africana. *No fundo do canto* ganhou edição brasileira em 2007, pela editora Nandyala, após o seu lançamento em Viana do Castelo

Essa obra, como afirma a própria escritora, não é de uma fácil compreensão do leitor que não é guineense: “não é de leitura fácil este livro. A todo momento o leitor e a leitora não guineenses se deparam com expressões e com fatos que exigem um conhecimento prévio, de fundo e de base, da cultura e da história da Guiné-Bissau” (SEMEDO, 2007, p.185). Odete Semedo, na referida obra, faz uma representação da guerra civil<sup>3</sup> ocorrida entre 1998 a 1999.

*No fundo do canto* se configura como uma obra poética narrativa mítica, no qual os eu-líricos são enunciadores do que se passa em determinados momentos da Guiné-Bissau. É uma obra que apresenta uma realidade que estava prestes a acontecer e que devastou o país e a população, como sabemos que um golpe militar mexe com toda a população e não somente com o governo que está sendo alvo naquele instante.

Ao produzir sua literatura, Odete Semedo se questiona sobre em qual língua escrever, como lemos em seu emblemático poema “Em que língua escrever”, de *Entre o ser e o amar*, visto que a língua oficial é a língua portuguesa, mas apenas 12% da população tinha domínio da língua portuguesa, ou seja o português não era constituído como uma língua nacional veicular no país. Sendo assim, a mesma optou por escrever em português e crioulo, mesmo sabendo que o crioulo não era apenas um, ademais, assim como afirma a mesma no artigo “A língua e os nomes na Guiné-Bissau”:

---

<sup>3</sup> A Guerra civil na Guiné-Bissau, também conhecida como Guerra de 7 de Junho, foi um conflito na Guiné-Bissau. Foi desencadeado por um golpe de Estado contra o Presidente João Bernardo "Nino" Vieira, liderado pelo General de Brigada Ansumane Mané a 7 de Junho de 1998, prolongando-se até 10 de Maio de 1999.

As forças governamentais, apoiadas pelos Estados vizinhos, confrontaram os líderes do golpe militar que rapidamente haviam conquistado controlo quase total sobre as Forças Armadas do país.[5] O conflito causou a morte de centenas, possivelmente milhares de pessoas, e a deslocação forçada de centenas de milhar.

Na Guiné-Bissau, tal como em muitos países de África, as línguas são muitas porque os grupos étnicos são vários, possuindo cada um a sua língua. Porém, no caso específico do meu país, para além das línguas usadas por cada um dos grupos étnicos, existe uma língua franca falada por cerca de 70 por cento da população de todo o país, o crioulo de base portuguesa, e uma língua oficial utilizada na administração e no ensino, o português, dominado por cerca de 12 por cento da população guineense (SEMEDO, 2003).

O crioulo criado com a base no português, para facilitar a comunicação entre os europeus e os guineenses, dessa maneira, com 70% da população fluente em crioulo, a sua obra poderia de fato veicular no seu país de origem. É importante destacar que Semedo despertou com essa obra um estudo mais focado na essência do que havia acontecido em Guiné-Bissau durante o período da guerra civil, que devastou muitas pessoas. Ainda sobre esse momento vivido em Guiné-Bissau, o que muitos leem em suas obras e não entendem, é porque os versos carregam muita história, juntamente com os aspectos poético e/ou fictício.

É sabido que, na Guiné-Bissau, a língua portuguesa é a língua oficial, mas está longe de ser a língua veicular. Dessa maneira, acreditamos que a opção de Odete Semedo por escrever em duas línguas seria uma maneira de fazer com que seus achados fossem lidos pela maior quantidade de leitores possíveis, desde os guineenses até o público em geral. Vejamos o que fala a autora Lilian Serra, no artigo “A ‘falescrita’ de Odete Semedo” sobre as publicações serem em ambas as línguas.

Primeiramente, há os fatores mercadológicos: publicar apenas em crioulo guineense restringiria o alcance das obras a um determinado público, ou seja, àquele que tem acesso e domínio do crioulo da Guiné-Bissau. Outro fator seria a própria questão de como enxergar a língua portuguesa nos países em que ela foi introduzida pelo colonizador. Seria ela ainda apenas a língua do colonizador? Acredita-se que a resposta seja não. Inicialmente, quando uma língua é introduzida impositivamente em outra cultura, por meio da colonização, ela abarca a tensão, o embate entre culturas e repercute a repulsa do colonizado para com o colonizador (DEUS, 2019, pág. 162).

Como supracitado, Lilian Serra só reafirma como seria restrito se a escrita de Semedo fosse apenas em crioulo ou português, a primeira restringiria o alcance das obras apenas aos falantes de crioulo, a segunda levanta questões de por que escrever apenas na língua do colonizador. Dessa maneira, acreditando que foi a melhor opção em escrever nas duas línguas, podemos constatar que essa repulsa pela imposição da língua portuguesa pelos colonizadores, é uma forma de expressar a tensão na escolha da língua quando se é uma escritora/ escritor guineense.

Na obra *No fundo do canto*, Odete Semedo apresenta uma dura realidade que viveu Guiné-Bissau e, ao fazer essa representação mediante poesia torna a literatura ainda mais interessante. Iniciemos nossa análise a partir do poema “Tanta súplica evocou os Irans”, no qual podemos visualizar que o mesmo, desde o título, apresenta o quanto que o país, as pessoas, recorreram às suas divindades, os Irans, contra o que acontecia naquele momento, visto que a guerra ocorrida entre 1998 e 1999 deixou muitos traumas e sequelas nas pessoas.

Tanta súplica evocou os Irans

Tanta súplica e chamamento...  
 Tamanha invocação  
 Tantas fantasias desfeitas  
 Pela dor  
 Irans e defuntos se reuniram  
 Não resistindo ao veneno  
 De tantos corpos perdidos

Há culpados...  
 Que não fiquem mudos  
 Nem impunes  
 Pois o consílio vai reunir-se  
 Os irans vão falar  
 É hora de ouvir a nossa djorson  
 E os nossos defuntos

Irans de bissau  
 De Klikir Bissau bedju  
 De N’ala e de Rênu  
 De Ntula e de Kuntum  
 De Ôkuri e de Bandim  
 De Msurum  
 Varela e do alto krim  
 De Klelé e de Brá...

(SEMEDO,2007, p. 87)

Esse trecho do poema expressa forte inquietação dos guineenses com o quanto que eles sofreram e com o modo como não conseguiam expressar essa represália. Podemos visualizar, na primeira estrofe, tantos sonhos que foram desfeitos e tanta angústia que fora vivida.

Na primeira estrofe, visualizamos um termo utilizado para se referir às divindades da Guiné Bissau, os *Irans*, e que, como explica Odete Semedo no próprio glossário do livro *No fundo do canto*, Iran é uma “divindade protectora mas que também pode castigar quando se está em falta para com ele, segundo a crença popular” (p. 173). São eles que anunciam a cerimônia que deve ser realizada, a fim de extirpar as consequências da maldição, bem como identificar as razões que a originaram e não suportando mais ver o sofrimento do povo, vão se reunir com os defuntos, também divindades, e buscar uma solução para saírem daquele problema. Logo na segunda estrofe, lemos um sentimento de revolta, pelos tantos perdidos, pois nesse momento com as falas das divindades ouvir-se-á a *djorson*, que significa linhagem<sup>4</sup>, no caso, portanto, a sua linhagem falará. Em termos político-econômicos, pode-se inferir que o retorno ao *djorson*, além da observância de rituais religiosos, também passa pela criação de modos próprios de administração.

O conflito armado foi um dos mais longos e mais devastadores que aconteceu em Guiné-Bissau, podemos visualizar este sofrimento nos quatros últimos versos da primeira estrofe, quando a voz poética reafirma essa dor e o veneno da perda que houve no país, sendo isso um total desalento. As pessoas já haviam deixado suas casas, pois não havia como viver em meio a tanto terrorismo espalhado da capital de Guiné, visto que faltava muitas coisas como remédios, água, comida, combustível, etc, o destino eram os interiores e, até mesmo, outros países.

Nesse poema, as tantas expressões que a autora escreve em crioulo é uma forma também de apresentar essa multiculturalidade que perpassa o país e envolve também os seus mitos.

Na terceira estrofe, temos alguns nomes de bairros da Guiné-Bissau de onde virão os *Irans*, como “Klikir”, “N’ala”, “Rênu”, “Ntula”, “Kuntum”, “Bandim”, dentre outros. Essas palavras reforçam as etnias que vem de cada local do país e todo esse movimento, que gira em torno da leitura desse poema, é de determinação para que o país reúna as forças necessárias e passe por esse momento.

A cultura africana é carregada de significados nos quais há, sim, a presença do colonizador, devido a imposição da língua, das crenças, da cultura sobre os

---

<sup>4</sup> O glossário de Odete Semedo, presente no livro *No fundo do canto*, aqui em estudo, foi utilizado para consulta de significações de palavras da língua crioula guineense, com *Iran*, *djorson*, bem como o nome de alguns bairros em Bissau etc.

colonizados, por isso, é muito explícito na poesia de Odete Semedo a força que a Guiné-Bissau vai procurar nos seus deuses e nas suas referências internas para vencer o novo trauma da guerra civil. Pensando a cultura africana como uma interrelação de aspectos, Hampaté Bâ explica:

A “cultura” africana não é, portanto, algo abstrato que possa ser isolado da vida. Ela envolve uma visão particular do mundo, ou, melhor dizendo, uma presença particular no mundo – um mundo concebido como um Todo onde todas as coisas se religam e interagem (BÂ, 1982, p.183).

Como citado por Hampaté Bâ, para refletirmos sobre *No fundo do canto*, vemos que essa cultura não se trata apenas de uma visão particular de Odete Semedo, mas do envolvimento do eu lírico com tudo que acontece ao seu redor.

No poema “Quando...”, visualizamos já alguns passos para o decorrer de uma libertação do país. Nesse poema, visualizamos bastantes expressões em crioulo, com representatividade de várias etnias e cultura guineense, é imprescindível falar também na escrita do poema que apresenta mais uma vez as duas línguas, a do colonizador e do crioulo de base portuguesa. Vejamos a seguir o poema “Quando...” e toda a sua representatividade a partir da história do país.

*Quando...*

De Saremorso a Oio  
de Mansoa a Corubal  
de Corubal a Salanca  
passando por Geba  
deixando atrás de si  
testemunhas de Beafada  
que em três se multiplicaram:  
    Malobal, djorson das onças  
    Mássene, dlorson das jiboias  
    Mabadje, djorson dos abutres

Reclamaram  
O direito de participar do concílio  
Pois não foram convocados

A orientação do concílio  
Era dos Djagra, djorson das onças  
E dos Badjukumon de Orento  
Djorson das hienas os lobos

Os hóspedes chegaram de

Ao bantaba da kontrada  
 E a volta do tronco ficaram  
 A onça de Gandembel, os málobal  
 A jiboia, os Massene  
 o Obutre, os Mabadje

Sob o poilão da reunião  
 Já se contavam  
 O porco formigueiro, os Bassutu

Caríssimos  
 Que pretendeis de mim afinal?  
 Ver minhas botas  
 ou ver-me pelas costas?  
 Figa canhota toska maroska:  
 daqui não saíu  
 do meu trono  
 ninguém me tira  
 (SEMEDO, 2007, P. 91,92)

Na primeira estrofe, percebemos um percurso que é feito por alguns rios da Guiné Bissau “De Saremorso a Oio/de Mansoa a Corubal /de Corubal a Salanca/ passando por Geba”. Logo em seguida, percebemos o “abandono” de alguns que ficam para trás em “beafada”, sendo este um grupo étnico que se dividiu em alguns países, incluindo a Guiné-Bissau<sup>5</sup>.

Em seguida, visualizamos as linguagens (*djorson*) que passam a solicitar a participação no Concílio que está acontecendo, mas para o qual não foram convidados, “Malobal, djorson das onças/ Mássene, djorson das jiboias/ Mabadje, djorson dos abutres” isualizamos até agora, nesses trechos que sugerem uma reunião provavelmente para uma retomada de território, sendo a partir desse momento que inicia-se um avançar para defender o país e suas origens, uma lutar para manter a ancestralidade intacta e possível de se transmitir às gerações futuras.

Manter a ancestralidade viva é importante para repassar para as gerações futuras, sendo essa uma forma de resistência colocada pelos colonizados, dessa maneira, a ancestralidade trazida pelos avós, pais, tios, etc.

---

<sup>5</sup> O glossário de Odete Semedo, presente no livro *No fundo do canto*, aqui em estudo, foi utilizado para consulta de informações acerca de aspectos culturais presentes no texto, como nomes de rios, aldeias, linhagens etc.

Percebemos ainda que todo esse percurso que está descrito no poema tanto nos é apresentado diversas etnias, quanto aldeias (*tabanka*) e rios da Guiné-Bissau como, por exemplo, o Geba que é um rio importante no leste do país e que, nesse poema, por ser um local onde os beafadas utilizam para se reunir-se com pessoas da sua etnia. Chegando ao “bantaba da Kontrada” visualizamos outra localidade positiva de convívio e encontro no país.

No final do poema, encontramos uma expressão de outra linhagem, os “Bassuntos”, que se recusam a sair do trono para outras divindades usando a expressão “Figa canhota toska maroska: / daqui não saiu / do meu trono / ninguém me tira”, ou seja, ele quer dizer que o trono não é negociável e que não sairá do mesmo por nada.

É importante perceber que Odete Semedo, ao trazer todos esses elementos em seu texto, fortalece a cultura, a espiritualidade, a identidade que estava sendo perdida com a colonização, a imposição de costumes e crenças que eram impostos pelos colonizadores, e, mais recentemente, ameaçada pela guerra civil, sendo esta uma maneira de resgatar através das línguas, da cultura, da ancestralidade e a força da Guiné-Bissau.

Percebemos que Odete Semedo, através da escrita, faz uma recriação espécie de transposição da realidade na literatura, assim, como afirma Augel:

Odete Costa Semedo recorre nesses textos não apenas a incontáveis expressões e vocábulos na língua guineense como impregna a sua narração com enunciados relativos a objetos, crenças, usos e costumes das culturas étnicas locais, buscando assim fundir a realidade do texto com a realidade de seu mundo e dos seus leitores imediatos. O surgimento numa outra língua étnica no meio de um texto em português é sempre intencional e essa aparição é estilisticamente bem-marcada, patenteando sempre um momento de tensão no acontecer literário de um enunciado em crioulo (...) (SEMEDO, 2000, p. 13-14).

Odete Semedo consegue capturar, em sua escrita, a cultura, a ancestralidade, as tradições, a identidade e a luta pela libertação de um povo que tanto lutou por liberdade e sofreu muito por isso.

Através da leitura dos poemas podemos perceber o quanto é forte as questões da identidade e ancestralidade, visto que mesmo com os impactos da guerra a memória ancestral atravessa a obra de Semedo, mas a vida antes e durante a guerra

civil na Guiné-Bissau, assim como citado anteriormente a obra em destaque apresenta fortes reflexões acerca da recuperação da identidade na Guiné Bissau.

A memória ancestral atravessa as obras de Odete Semedo. Nota-se que a construção de *No fundo do canto* (2007) reforça as tristezas que passaram em Guiné Bissau com a Guerra Civil. (BISPO, p. 100, 2019).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se atentamente como a escritora Odete Semedo, em seus versos, interpreta a forma e a luta de seu povo, com uma inquietação que a mesma parece ter enquanto mulher, nascida e criada em um país violado pelos colonizadores, com perdas na identidade, na história e na cultura, não se deixa abater e luta para expor através da escrita o quanto seu país lutou e ainda luta por independência.

Através da análise dos poemas, visualizamos que a ancestralidade na cultura guineense é muito forte, oriundo de heranças das etnias, como os Irans, a língua crioula que possuindo também uma base portuguesa, é símbolo da resistência local. Outra percepção que temos ao analisar os poemas é esse entrelaçado que a autora faz ao colocar algumas expressões na língua nacional guineense, nos dando a entender que se trata de trazer e apresentar para os leitores a sua linhagem e cultura também.

Ademais, é sabido que *No fundo do canto* apresenta os horrores vividos na guerra civil, no qual os dois poemas nos faz mergulhar dentro dessa historia ate o momento em que o país esta se recuperando da de tudo que foi vivido durante esse momento, nos fazendo mergulhar também nos descaminhos políticos após a colonização. Bissau é um país que, com tanto sofrimento na colonização, sofreu ainda com a independência.

Contudo, Odete Semedo com seus poemas e suas obras reafirma a identidade nacional e apresenta todo o processo de luta, pois muitas tradições permaneceram e se mantêm até os dias atuais.

## REFERÊNCIAS

AUGEL, Moema Parente. **A nova literatura da Guiné-Bissau**. Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP), 1998, Col. Kebur.

AUGEL, Moema Parente. **O desafio do Escombro: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

BISPO, Érica Cristina. A poesia de Odete Semedo: uma introdução. **Mulemba**. Rio de Janeiro: UFRJ. Volume 11. Número 21, p. 90-106. 2019.

DEUS, Lilian Paula Serra e. A “Falescrita” de Odete Semedo. **Revista Ecos**. Vol. 26, Ano 16, nº 01, 2019.

SEMEDO, Maria Odete da Costa. **A língua e os nomes na Guiné-Bissau**, 2003

SEMEDO, Maria Odete da Costa. **No fundo do canto**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.